O MTST e a luta pela soberania digital a partir dos movimentos sociais

NÚCLEO DE TECNOLOGIA DO MTST

Sobre o MTST

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) é um movimento popular, urbano e de esquerda fundado em 1997. Formado a partir do acúmulo de experiências do Movimento Sem-Terra (MST), com uma abordagem voltada para questões urbanas, o MTST organiza trabalhadores que estão sob relações de trabalho não abarcadas pelo sindicalismo tradicional, sendo sua principal forma de luta as ocupações de terras que não cumprem função social nas periferias dos grandes centros urbanos.

Ao longo de seus 26 anos de história o MTST cresceu e mudou muito. Se, no seu início, reproduzia quase que literalmente os métodos de luta criados no campo, hoje aprofundou sua luta para além da pauta imediata da moradia. No cotidiano da organização coletiva, convivem mais de 10 setores, cada um com uma inserção específica na base social do movimento.

O MTST é um movimento legalista. Defendemos que os imóveis cumpram sua função social, prevista na Constituição Federal do Brasil. Isso porque a lei pesa de forma diferente para os cidadãos e varia conforme seu dinheiro e poder. Para ilustrar: se você possui um veículo, deixa de pagar o imposto anual e é parado em um posto de controle da polícia, seu veículo pode ser apreendido, ainda que o pagamento esteja atrasado em um único dia. O mesmo rigor não se aplica aos imóveis. Ricos proprietários de imóveis podem passar muitos anos sem cumprir suas obrigações legais e nada acontece. Existimos para equilibrar esse jogo. A terra não é infinita e, enquanto os ricos lutam para mantê-la vazia e escassa – elevando assim seu preço – muitos vivem nas ruas, na pobreza.

O MTST não atua apenas na luta por moradia. Para citar algumas experiências, há o bem-sucedido projeto Cozinhas Solidárias, que tem como principal objetivo combater a fome da parcela da população urbana em situação de vulnerabilidade. A alimentação oferecida pelo Cozinhas Solidárias é servida diariamente e gratuitamente. Os recursos, inclusive os alimentos consumidos, vêm de hortas urbanas e doações.

Além disso, o sucesso das Cozinhas Solidárias está prestes a se tornar política pública oficial no atual mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2026). O MTST apoiou a candidatura do ex-sindicalista para um terceiro mandato. Lula visitou as ocupações do movimento e reconheceu a abrangência do MTST não apenas na garantia de moradia digna, mas também no combate à fome, na luta por direitos e no direcionamento do desenvolvimento tecnológico para os problemas concretos da sociedade, especialmente para a população vulnerável. Como exemplo prático do dia a dia do MTST, o setor de arquitetura realiza oficinas de construção de cisternas, ensinando como captar e tratar a água da chuva, capacitando trabalhadores para atender suas próprias

O MTST é dividido em coletivos políticos e setoriais. As decisões são tomadas nos coletivos políticos e os coletivos setoriais aplicam as decisões do seu tema. Atualmente existem 13 setores:

1. ***Arquitetura;***
2. ***Arte e cultura;***
3. ***Comunicação;***
4. ***Educação;***
5. ***Horta e segurança alimentar;***
6. ***Jurídico;***
7. ***Finanças e captação de recursos;***
8. ***Formação política;***
9. ***Autodefesa;***
10. ***Organização;***
11. ***Negociação;***
12. ***Tecnologia;***
13. ***Saúde e Assistência Social.***

Estamos preparando também um coletivo de cuidado dos animais nas ocupações.

necessidades e se preparar para eventuais momentos de escassez hídrica. Outros exemplos de sucesso são cursos comunitários, oficinas de foto e vídeo, saraus e mutirões de assistência médica e jurídica.

O contexto político de 2015 - 2022

A luta da classe trabalhadora brasileira, historicamente desigual, se agrava a partir de 2015, quando o Brasil vive uma sequência de processos fraudulentos que levaram ao impeachment da presidente Dilma Rousseff – ativista de esquerda de longa data que foi torturada durante a ditadura militar de direita que governou o país de 1964 a 1985. Além de ter sido a primeira mulher eleita presidente do Brasil, em 2010, Dilma também foi indicada como uma potencial futura presidente para o Banco dos BRICS (organização econômica composta por Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul).

A série de fraudes institucionais que derrubou Dilma acabou abrindo caminho para a prisão de Lula da Silva em 2018, poucos meses antes da eleição presidencial que acabou por colocar no poder Jair Bolsonaro, um neoliberal protofascista profundamente entrelaçado com grandes empresas no Brasil. Segundo as pesquisas da época, Lula era o favorito para vencer as eleições de 2018, com clara vantagem sobre Bolsonaro, que aparecia como segundo colocado. Após a vitória de Bolsonaro, Sergio Moro, o juiz federal que presidiu o caso de Lula na força-tarefa chamada Operação Lava Jato, logo se tornou o ministro da Justiça do novo governo. Esta reviravolta causou alvoroço no debate público do Brasil, dado o tamanho óbvio da parcialidade e do interesse político do julgamento. Posteriormente, todo o processo contra Lula foi analisado e declarado como julgado parcial por Moro, resultando na libertação de Lula em 2019. Em 2022, Lula concorreu novamente à presidência e, apesar de uma campanha marcada pelas mentiras de Bolsonaro e tentativas flagrantes de fraudar a eleição a seu favor, Lula venceu e deu início ao seu 3º mandato como presidente do Brasil. É importante notar também que este fato marca

Bolsonaro como o primeiro presidente do país a perder uma campanha de reeleição.

Sobre o Núcleo de Tecnologia

Pode soar estranho que um movimento de moradia tenha um setor de tecnologia. Já nos perguntaram se o nosso papel era invadir computadores, assim como o do movimento seria de invadir terras. Entendemos o paralelo, mas ele não faz nenhum sentido. Definitivamente não, pelo contrário: nosso objetivo é, também, combater esse tipo de desinformação no ambiente digital.

Durante o processo eleitoral de 2018 já circulavam ideias que atribuíam às redes sociais toda a responsabilidade pela disseminação do discurso conservador, do ódio e da desinformação. As redes têm o seu papel, mas não agem sozinhas. Embora hoje esteja mais claro, na época havia quem acreditasse que não existiam apoiadores de verdade do bolsonarismo, apenas robôs sob controle do imperialismo norte-americano.

Para nós, a ideia nunca colou. O enraizamento do MTST é muito forte nas periferias, convivemos com eleitores do Bolsonaro – o que, embora não seja agradável, nos possibilitou entender a sua lógica – e essas pessoas não são robôs. No MTST existem muitos profissionais de tecnologia. Nós sabemos como funcionam os robôs, trabalhamos programando-os todos os dias. E a ideia de que robôs, sozinhos, estivessem fazendo aquela bagunça toda, embora possível, não era plausível. O processo era mais complicado.

Então, de repente, nos pegamos falando sobre temas de nosso cotidiano profissional em encontros de discussão política do movimento. A partir desse momento, criar o primeiro curso para desenvolvedores foi um passo natural.

Somado a esse esforço de ensino, já existiam outras solicitações internas do MTST para a automação de algumas tarefas cotidianas do movimento. Esse é o caso vivido por

trabalhadores e por trabalhadoras que, há algum tempo, prestavam serviços sob demanda – vulgo "bicos" – para simpatizantes do movimento, sobretudo como serventes de pedreiro, diaristas, eletricistas, encanadores, babás, etc.

Diagnosticou-se que seria possível conectar os simpatizantes com os trabalhadores e trabalhadoras do movimento por meio de um celular, com um militante intermediário indicando pessoas de confiança para realizar um trabalho avulso. Com o passar do tempo, tão grande foi o sucesso da propaganda boca a boca, elogiando a qualidade dos serviços prestados, que a demanda por esses profissionais aumentou consideravelmente. Então, o Núcleo de Tecnologia tomou para si a tarefa de automatizar esse processo, dando origem ao Contrate Quem Luta (CQL), um chatbot de WhatsApp que interage com o usuário que deseja contratar serviços de indivíduos na base do MTST.

O CQL foi desenvolvido pensando na realidade concreta dos trabalhadores e das trabalhadoras que se disponibilizam a trabalhar por meio da plataforma. Dada sua condição socioeconômica, alguns obstáculos precisam ser considerados. Muitas dessas pessoas possuem aparelhos smartphones com pouco espaço de armazenamento, além de não terem acesso significativo à internet, exceto pela gratuidade de tráfego de

dados do aplicativo WhatsApp, comumente oferecido pelas empresas de telefonia brasileiras por meio do chamado zero rating. Optou-se pela solução via WhatsApp para superar esses obstáculos de forma simultânea, dado que não há necessidade de instalar nenhum aplicativo extra e nem de ter acesso à internet para além dos pacotes de dados mais limitados.

O Núcleo de Tecnologia do MTST se insere no desenvolvimento de ferramentas e na apropriação de técnicas para a construção do trabalho de base através da tecnologia. Esse processo acontece por meio da organização da luta no território com o objetivo de melhorar a capacidade dos trabalhadores de construir seu futuro de forma autônoma enquanto coletivo. Entendemos essa disputa como uma maneira de pautar a nossa soberania, uma capacidade de apontarmos nós mesmos quais caminhos são efetivamente emancipatórios para o nosso povo. É por meio da forma como usamos a tecnologia a nosso favor que promovemos a construção do poder popular.

No atual estágio do capitalismo, os setores estratégicos da sociedade estão cada vez mais dependentes de tecnologias

pertencentes a grandes conglomerados de empresas privadas multinacionais. Nós compreendemos que a ideologia neoliberal dominante, dirigida pelos interesses de acumulação de riqueza por parte de uma burguesia financeira internacional, vai diretamente contra os interesses dos movimentos populares no Brasil e no mundo. O determinante central para o avanço dessa política é o desenvolvimento da técnica. Ao contrário do que o liberalismo quer nos fazer acreditar, a técnica não é neutra. Na verdade, a técnica serve aos interesses de quem a constrói.

Sobre a soberania digital a partir dos movimentos sociais

A soberania digital é um conceito que tem ganhado força nos debates políticos e acadêmicos. O debate geralmente é abordado por dois enfoques distintos, a saber: o do Estado e o do indivíduo. A questão da soberania estatal envolve pautas sobre segurança nacional e desenvolvimento científico e tecnológico. Já a questão individual dos cidadãos diz respeito à agência e à autonomia sobre os dados gerados, levando às seguintes perguntas: quem é o dono dos meus dados? E como garantir a minha privacidade?

Vale destacar que oferecemos aulas de programação não só para jovens e adultos do movimento, como para as crianças das ocupações. Em paralelo, enquanto as crianças aprendem brincando, aproveitamos para promover rodas de conversas sobre temas emergentes e críticos com os pais e mães, cuidadores ou responsáveis. A foto exibida nesta página, por exemplo, ilustra uma roda de discussão sobre o risco da manipulação do comportamento e da exposição de crianças e adolescentes a conteúdos danosos por plataformas digitais – cerne do modelo de negócios dessas empresas. Estas questões são particularmente relevantes num contexto em que, por exemplo, uma das mães (em sua grande maioria mães solo) tinha quatro filhos e um aparelho celular com acesso limitado à Internet em seu 'barraco'.

Pouco se fala, no entanto, da soberania digital focada não só no interesse coletivo, mas gerada para e apropriada pelo próprio coletivo. Levando isso em consideração, dada a atual conjuntura da emergência dos debates sobre soberania digital ao redor do mundo, o Núcleo de Tecnologia do MTST reivindica uma soberania digital que seja realmente pautada no fortalecimento da luta pelo poder popular na era da sociedade da informação. Queremos não só acesso significativo às tecnologias, à Internet, à educação digital e midiática, mas também direcionar o rumo tecnológico para quem verdadeiramente realiza a transformação social nos territórios.

O debate sobre o avanço neoliberal da tecnologia em nossas vidas e na sociedade civil como um todo é, também, um debate sobre soberania. Se dependemos cada vez mais de tecnologia para as nossas atividades, e se essas tecnologias vão contra vários dos nossos interesses enquanto sociedade do sul global, então cabe a nós criarmos formas de atuar em contraponto a essa dependência tecnológica. Precisamos ser capazes de construir e manter ferramentas que atendam

as necessidades do nosso povo sem ficarmos à mercê das regras e termos de uso de agentes estrangeiros. A questão da soberania digital se torna, assim, um ponto central na construção da cidadania do povo brasileiro.

No MTST, tomamos como tarefa a construção da soberania digital a partir do uso e do desenvolvimento de tecnologias por quem faz as lutas sociais para quem faz as lutas sociais. Quando treinamos os nossos militantes para se tornarem proficientes em tecnologia, quando recrutamos voluntários de fora do movimento para nos ajudar a construir ferramentas que melhorem e ampliem nossa capacidade de luta, e quando tomamos parte no debate público para desmistificar a narrativa liberal hegemônica sobre a neutralidade da tecnologia, estamos criando uma agenda de mobilização popular para articular formas de promover a soberania digital para quem precisa.

Nosso interesse é democratizar o acesso às maneiras de produzir e utilizar tecnologias de informação e comunicação que possibilitem à sociedade civil contornar estruturas políticas desfavoráveis, mobilizar recursos, fazer campanhas, promover o engajamento da militância e documentar a memória das nossas lutas populares.

Apesar de recente, o nosso acúmulo de debates e avanços no tópico sobre soberania digital nos alavancou para ganharmos presença e voz em diversos espaços de debate no circuito mainstream tecnológico brasileiro. Um exemplo notável foi o convite do Prof. Rafael Grohmann para participarmos de um evento dos cursos de comunicação da universidade Unisinos, em 2022. Também fomos parte das edições de 2021 e 2022 da Campus Party de São Paulo. Desde então, fomos chamados a palestrar em eventos de tecnologia pelo país inteiro, ministramos workshops, contribuímos com rodas de debate e estabelecemos parcerias com outros movimentos sociais. Em todas as suas colaborações, o Núcleo de Tecnologia do MTST expressa suas ideias, suas práticas de ensino, seu método de formação política, sua maneira de executar seus projetos e sua visão na luta centrada na base do movimento. Em suma, buscamos sempre demonstrar nosso esforço de trabalho de base por meio da tecnologia. Como exemplo dessa atuação, participamos ativamente da elaboração de dois importantes manifestos publicados durante a campanha eleitoral de 2022: o Plano de Ação para o Cooperativismo de Plataformas no Brasil e o Programa de Emergência para a Soberania Digital, ambos articulados por acadêmicos e ativistas e entregues ao Presidente Lula.

Sobre a estrutura e a organização

Gostamos de nos ver como uma organização prática. Fazemos coisas com bastante rotina e nos juntamos em torno delas. Falando assim, parece óbvio, mas, acredite: não é!

Existem muitos grupos que se contentam em conversar sobre o mundo, sobre o quanto ele poderia ser melhor e não há absolutamente nenhum mal nisso. Existem, também, outros tantos que atuam para melhorar o mundo, que não se limitam a falar e debater e que gostam de agir sobre o que é proposto. Cada uma dessas formas de organização revela coisas sobre quem faz parte delas e a sua leitura de mundo.

Agrupamentos sociais têm no centro da sua atuação o diálogo sobre um tema, a troca de experiências ou avaliações. São geralmente compostos por pessoas que sentem um desconforto com relação ao mundo. Para elas, algo parece não estar certo e é preciso tratar disso. Quando o debate se inicia, o desconforto individual pode ser amenizado por meio da vivência coletiva e a sensação de descolamento é momentaneamente levada embora. Há uma dialética nisso que se transforma, ainda que o grupo não se dê conta, em sua própria finalidade.

Entre esses grupos, há aqueles que se contentam em superar a insatisfação coletiva com ações pontuais. No entanto, lógicas de atuação pontuais, localizadas, não veem no mundo um problema estrutural. Não percebem que há uma lógica que produz a morte de forma exponencial e, quando se dão conta, cedem à lógica do "cada um deve fazer sua parte, faço o que posso". Acreditam que há um desajuste, exageros que precisam ser combatidos, como a fome, a miséria, a educação fragilizada, o sistema de saúde pública pouco abrangente. Para uma perspectiva que não vai além da ponta do iceberg, todos esses pontos são passíveis de correções limitadas, sem que seja necessário recorrer às raízes do problema. As ONGs são a expressão mais genuína dessa forma de pensar, um bom lugar para "cada um fazer a sua parte".

Nós do MTST acreditamos que o problema é qualitativamente mais complexo do que aparenta ser. O capitalismo não é obra da natureza humana nem produto de decisão divina. A destruição das pessoas e do meio ambiente precisa ser freada a todo custo e essa é uma tarefa

monumental, que não será vencida apenas por rodas de conversa ou ações pontuais. Embora ações individuais ou bem focadas possam ajudar, elas não são capazes de grandes transformações. O capitalismo só será ultrapassado por meio de ações coletivas, coordenadas, longamente planejadas e conduzidas por muitos militantes disciplinados, onde "só fazer sua parte" não basta.

No entanto, nem só de militantes disciplinados vive a luta do povo. O processo de transformação da consciência (que vai primeiro da inquietação para a ação individual e finalmente para a ação coletiva) é diferente para cada pessoa, acontece em momentos e ritmos distintos para cada indivíduo. Algumas pessoas estão em vias de se tornarem militantes, enquanto muitas outras preferem, como discutimos acima, apenas debater questões na teoria ou assumir ações pontuais e de escopo reduzido. Se o problema é realmente monumental – e acreditamos que é –, então devemos ter espaço para todas as formas de ação. Nenhuma ajuda é dispensável.

Pensando nisso, o Núcleo de Tecnologia do MTST tem uma composição em camadas, semelhante a uma cebola. Na parte

mais superficial, próxima à casca, ficam os simpatizantes, milhares de pessoas que vêem com ótimos olhos as coisas que fazemos, não necessariamente entendem nossos motivos e podem chegar até a discordar deles, mas acham que o MTST faz um trabalho importante.

A próxima camada são os apoiadores. São mais do que simpatizantes, sentem a necessidade de ajudar de alguma forma, seja com uma doação, uma divulgação, ou uma recomendação de vaga de trabalho, por exemplo. Enfim, existem muitas formas de apoiar a luta. Nosso papel é comunicar isso e ser criativos, inventando formas que permitam os mais diversos apoios, pois todos são importantes.

Logo a seguir, vem a camada das pessoas que não se conformam em apoiar, querem fazer parte, estar perto nas atividades e ajudar. Chamamos as pessoas que são frequentes nas atividades de ativistas. É um nome ruim, mas prático. Elas ajudam em momentos como mutirões, manifestações e lutas gerais do movimento.

Por fim, existem os militantes, aqueles que não se contentam em frequentar as atividades. Entenderam que o capitalismo é uma abominação e as atividades são apenas momentos da luta, não a luta em si, pois esta se dá na organização da totalidade dos eventos que compõem a estratégia política. O militante se sente empurrado a contribuir na formulação delas, vivenciá-las. Militar não é sobre tempo livre, não é sobre a quantidade de coisas que você faz, é sobre o lugar que a luta do povo ocupa na sua vida e o quanto você não se vê vivo fora dela.

A organização do Núcleo de Tecnologia é essencialmente a forma como harmonizamos esses perfis e lidamos com as suas complexidades. Em um mês alguns são ativistas, no seguinte apoiadores, em algumas semanas tem uma dedicação quase militante e em outras elas simplesmente desaparecem!

Este tipo de engajamento flutuante é uma contradição inerente à tarefa de organizar, nos mesmos espaços, diferentes tipos de pessoas, cada uma com um tipo de proximidade com a luta. A grande chave para a organização do Núcleo é lidar com essa realidade sem perder a regularidade. Isso não é capricho nosso, é uma característica da categoria que organizamos. Nem sempre desenvolvedores podem ter uma rotina de produção linear. Cada indivíduo tem uma forma de acumular questões sobre determinado problema. Às vezes, ficamos rodando em torno de um assunto e, de repente, a solução pode aparecer. A organização deve acompanhar essa dinâmica.

Nesse momento, no início de 2023, estamos experimentando uma forma de organização que tenta mesclar, além de níveis de contribuição, características profissionais e políticas. Estamos constantemente debatendo maneiras de juntar essas diferentes origens para que, entre outras coisas, possamos nos sentir à vontade em discutir a conjuntura internacional do imperialismo sem fazer com que um camarada que "só quer programar" se sinta excluído do debate. Nem todo mundo fala da mesma forma ou se expressa com a mesma linguagem. Há quem tenha facilidade com a escrita e se dê bem na tarefa de escrever um texto como este. Há quem fale bem em público. Há também quem só se sinta à vontade trabalhando em conjunto para discutir arquitetura de software. Todos aqueles que querem lutar devem estar aptos, e é nosso trabalho construir espaços seguros e plurais para os que querem lutar e se encaixar. Fazemos isso mais do que como uma forma de organização, mas também como um ensaio do mundo em que queremos viver. Nos termos dos zapatistas: "um mundo onde cabem muitos mundos".

@tecnologia.mtst

https://linktr.ee/tecnologia.mtst

www.nucleodetecnologia.com.br

NÚCLEO DE TECNOLOGIA DO MTST